

STRESS ACADÊMICO: UM ESTUDO JUNTO AOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL DA UFBA

Patrícia Campos Borja – borja@ufba.br
Universidade Federal da Bahia, Escola Politécnica
Rua Félix Mendes, 217, Ap. 1002
40.100020– Salvador - Bahia

Michele Bispo de Jesus - michelebispo@gmail.com
Universidade Federal da Bahia, Escola Politécnica
Rua Félix Mendes, 217, Ap. 1002
40.100020– Salvador – Bahia

***Resumo:** O trabalho aborda a questão do stress acadêmico no curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFB. A partir de pesquisa junto a uma amostra de 68 estudantes e estudando categoriais e variáveis de análises, os resultados indicaram que existe um nível de stress acadêmico, sendo maior entre as mulheres. Os resultados revelaram, com certa evidência, relações entre stress acadêmico e semestre equivalente, consumo de álcool e estado civil. Mas, apesar dos limites de um estudo quantitativo é possível também sugerir que o stress acadêmico tem vínculos com a estrutura emocional de cada indivíduo e sua história de vida, o que, de certa forma, condiciona o tipo e intensidade das respostas às experiências vividas, quer seja no espaço universitário, no trabalho ou nas relações sociais. Assim, pode-se sugerir que as situações e dificuldades vividas no espaço universitário não são diferentes dos outros espaços da vida. O espaço universitário, assim, traz toda a complexidade e desafios de qualquer outro, colocando o indivíduo diante de suas limitações e potencialidades para o enfrentamento das questões que são apresentadas no cotidiano.*

***Palavras-chave:** Stress, Acadêmico, Engenharia Sanitária e Ambiental*

1 INTRODUÇÃO

É tarefa das universidades públicas brasileiras, a promoção indissociável do ensino, da pesquisa e da extensão, com vistas a gerar conhecimento e difundi-lo, em um processo continuado cuja missão maior é contribuir para a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, sendo estes os objetivos fundamentais da república brasileira constantes na Constituição de 1988.

A política recente para o ensino superior no Brasil, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), prevê o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior, o que envolve a ampliação de vagas e a expectativa de aumentar a oferta de profissionais ao mercado de trabalho. Uma das diretrizes desse Programa é reduzir as taxas de evasão.

Na Ufba a previsão é reduzir a evasão para atingir uma taxa de conclusão de 90%. Nos cursos de engenharia avalia-se que a evasão chega a cerca 40%. Entender os processos que levam a essas altas taxas de evasão e buscar formas de diminuí-la é uma tarefa dos colegiados dos cursos.

A migração para outros cursos, a desistência e os cancelamentos de matrícula são fatores que têm contribuído para a evasão no ensino superior. Embora não se tenha uma estatística, pode-se afirmar com certa tranquilidade que os cancelamentos de matrícula respondem por um percentual significativo da evasão.

O Regulamento do Ensino de Graduação da Ufba estabelece que os cancelamentos de matrícula devem ocorrer quando o aluno for reprovado quatro vezes na mesma disciplina, em semestres consecutivos ou não; quando for reprovado em todas as disciplinas em dois semestres consecutivos ou não; e quando o tempo máximo admitido para integralizar a carga horária exceder em 50% do previsto.

No caso do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da Ufba, objeto do presente trabalho, nos dois últimos anos, os cancelamentos de matrícula respondem a 19% dos processos que são avaliados pelo Colegiado de Curso, sendo que a maioria deles envolvem reprovações em disciplinas profissionalizantes, notadamente, Resistência dos Materiais I, Resistência dos Materiais II e Estruturas de Concreto Armado. Essas disciplinas devem ser ofertadas, segundo a grade curricular, a partir sexto semestre. Assim, os alunos matriculados nessas disciplinas estão em estágio avançado em termos de cumprimento da carga horária total exigida no curso. Os cancelamentos nesse estágio, obviamente, são indesejáveis já que se perde o investimento do Governo Federal direcionado aos alunos e, ainda, deixa-se de fornecer profissionais ao mercado de trabalho e à sociedade brasileira.

Análises preliminares das seguidas reprovações no curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da Ufba, evidenciam que, muitas vezes, a explicação não se deve às dificuldades de aprendizagem dos conteúdos ministrados. Essa consideração se baseia no fato de que os alunos que cursam essas disciplinas já passaram pelas matérias básicas de matemática e física, de grau de dificuldade similar ao das disciplinas citadas anteriormente.

É razoável considerar que uma reprovação ou até duas envolva uma questão momentânea ou ainda alguma dificuldade de aprendizagem em uma disciplina específica; porém, quatro reprovações implica ponderar outras explicações. O *Stress Acadêmico* tem sido apontado como um dos motivos para as seguidas reprovações. Esse *stress* também tem sido apontado como fator para o adocimento e trancamentos de matrícula, fatores que retardam a colação de grau. Também esse estado tem sido vinculado ao baixo desempenho acadêmico. Relatos de alunos têm corroborado com essas considerações. Assim, o *Stress Acadêmico* tem se colocado como uma temática importante para análise.

Diante das questões colocadas é que o presente trabalho objetiva investigar os fatores que têm contribuído para a ocorrência do *Stress Acadêmico* no curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da Ufba. Esse esforço se insere em um estudo maior que vem sendo realizado pelo Colegiado do Curso, com vistas a realizar uma avaliação mais ampla do Curso, o que inclui, dentre outros elementos, o desempenho acadêmico.

2 O STRESS ACADÊMICO

Estresse é uma palavra de origem inglesa (*stress*). Inicialmente foi utilizada para designar, no campo de conhecimento da física, a deformação que uma peça sofre ao ser submetida a um esforço (FRANÇA & RODRIGUES, 1999 *apud* LIMA, 2004, p. 4). O termo, como conhecido atualmente foi utilizado pelo austríaco Hans Hugo Bruno Selye, que adaptou a definição física para explicar o conjunto de alterações que o organismo sofre quando o ser humano é submetido a uma situação que exija sua adaptação (BOWDITCH & BUONO *apud*

LIMA, 2004). Ou seja, o estresse aparece como uma resposta do organismo ao ser impostos novos desafios, servindo como mecanismos de defesa em situações de perigo.

De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1988), o estresse é um “Conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa e outras capazes de perturbar-lhe a homeostase”. O *stress*, portanto, pode ser considerado consequência direta das relações humanas em todos seus aspectos. Por muitas vezes visto como algo negativo pode, no entanto, ter um viés positivo à medida que pode promover o desenvolvimento das potencialidades de um indivíduo quando submetido a fatores desafiadores.

De acordo com Selye (*apud* CALAIS *et al.*, 2003), o estresse é fruto da interação fisiológica do organismo frente aos chamados fatores estressantes. Considerando um mesmo fator estressante, cada pessoa terá uma resposta fisiológica diferente, decorrente de suas características físicas, psicológicas e sociais. Por outro lado, cada fator estressante possui um “peso” característico, sua carga impactante, que trará danos à qualidade de vida do indivíduo quando incidir sobre ele seja sozinho ou associado a outros fatores estressantes. Por exemplo, de acordo com a escala de Holmes e Rahe, instrumento desenvolvido por Thomas Holmes e Richard Rahe e utilizado para atribuir valores aos fatores estressantes, enquanto a morte de um cônjuge possui valor 100 (cem), a mudança de casa, de escola, dos horários ou das condições de trabalho, têm valor 20 (vinte). Esses fatores estressantes menores, quando associados, podem gerar um nível de estresse maior do que outros de maior valor na escala (MACHADO *et al.*, 2007).

Quando um ou mais fatores estressantes se prolongam no tempo, surgem as consequências para a saúde. De acordo com um estudo de Kiecolt-Glaser (MONZÓN, 2007), em períodos considerados estressantes, houve uma diminuição de células T, indicando uma baixa no sistema imunológico, deixando o organismo mais vulnerável às doenças. O estresse pode ser responsável por desencadear sintomas de caráter psicológico (ansiedade, depressão, irritabilidade, agressividade); fisiológico (alergias, enxaquecas, asma, disfunções circulatórias); e social (apatia, conflitos domésticos, acidentes, queda no desempenho profissional) (LIMONGI-FRANÇA & RODRIGUES *apud* LIMA, 2004). Esses sintomas estão relacionados à fase do processo de estresse que o indivíduo se encontra: alerta, resistência e exaustão (SELYE *apud* CALAIS *et al.*, 2003).

A fase de alerta se caracteriza por reações do sistema nervoso simpático, quando o organismo percebe o estressor (o evento). A resistência apresenta-se quando esse estressor permanece presente por períodos prolongados ou se é de grande dimensão. Na fase de exaustão, o estresse ultrapassou a possibilidade do indivíduo conviver com ele e está associado a diversos problemas como úlceras, gengivites, psoríase, hipertensão arterial, depressão, ansiedade, problemas sexuais, dentre outros. Cada fase envolve uma sintomatologia diferenciada que é acompanhada de mudanças hormonais correspondentes (SELYE *apud* CALAIS *et al.*, 2003).

Mais recentemente, o *Stress Acadêmico* passou a ser objeto de investigação. O ingresso no ambiente acadêmico impõe ao estudante desafios nunca antes enfrentados. O desempenho é influenciado (às vezes, determinado) por um conjunto de situações altamente estressantes vivenciadas ao longo do curso, tais como: excesso de disciplinas, professores exigentes, insegurança e expectativas em relação ao futuro profissional, dificuldades nas disciplinas, excesso de trabalhos acadêmicos, períodos de avaliações, etc. Essas situações podem ocasionar ansiedade, depressão, prejuízos na memória (esquecimentos), desgaste físico e mental, gastrites, mudanças de apetite, irritabilidade, diminuição da libido, tonturas, etc. (CALAIS *et al.*, 2003).

De acordo com Monzón (2007) existem as chamadas variáveis moduladoras que incidem e influenciam o processo de estresse, interferindo nos fatores causais, bem como nas

consequências geradas. Como exemplos têm-se: idade, sexo, padrão de conduta do indivíduo, apoio social, curso, lugar que reside, condições financeiras, dentre outros. Essas variáveis podem contribuir para as estratégias de enfrentamento dos problemas, levando o indivíduo à superação ou ao estado de estresse. Ou seja, o *stress* acadêmico poderá ter mais efeitos negativos em uma pessoa que possui problemas familiares e financeiros do que em uma pessoa equilibrada social, emocional e fisicamente, mesmo estando as duas sujeitas às mesmas situações acadêmicas estressantes. Essa última tem uma maior capacidade de ser submetida a um esforço (fator estressante) e se adaptar a ele, minimizando os efeitos negativos que poderia causar. Assim, pode-se dizer que o estresse é prejudicial quando o indivíduo tem dificuldades de se adaptar às mudanças e que, no caso do ambiente acadêmico, o impacto é maior quando o indivíduo possui fatores estressantes externos.

Em seu estudo com 36 estudantes do curso noturno de administração de empresas em uma faculdade no Ceará, Lima (2004), a partir de uma pesquisa baseada na tabela de Holmes e Rahe, constatou que 30,5% dos alunos apresentavam uma média vulnerabilidade ao estresse e cerca de 16,6% uma alta vulnerabilidade, sendo que esses últimos estariam mais sujeitos às doenças decorrentes desse estado. Para Lima, a sala de aula pode se tornar um local de pressão, primeiro pelo contexto pessoal de estresse que cada estudante traz e que interfere em seus estudos, mas também pelos fatores gerados no próprio ambiente acadêmico, como sobrecarga, prazos e dificuldades de aprendizado.

Monzón (2007), através de um trabalho desenvolvido com 40 estudantes dos cursos de psicologia, filologia hispânica, filologia inglesa e economia da Universidade de Sevilla, Espanha, em dois momentos do semestre acadêmico, períodos sem e com avaliações, verificou que houve um aumento no consumo de cigarros e cafeína e um decréscimo no autoconceito acadêmico entre um período e outro. O autoconceito é definido como o sentimento de satisfação acadêmica em relação ao desempenho nos estudos.

De acordo com Luz *et al.* (2009), dos 660 alunos pesquisados na Universidade de Aveiro, Portugal, mais de um quarto apresentou níveis elevados de estresse, sendo os maiores detectados entre os alunos ingressantes, possivelmente provocado pelas mudanças ocasionadas com a entrada na universidade. Quanto ao gênero, as mulheres apresentaram um nível maior de estresse que os homens. Essa relação entre gênero e estresse já foi apontada como relevante em muitos estudos. Seeman (SEEMAN *apud* CALAIS *et al.*, 2003) explica que no processo evolutivo foi conferida às mulheres uma neuroproteção especial, protegendo-as das doenças psicóticas, entretanto conferindo-lhes uma maior sensibilidade ao estresse e à depressão.

Monzón *et al.*, (2007) ao estudarem o *stress* acadêmico em estudantes concluiu que as condições favoráveis de saúde mental estava associada com o maior apoio social e menor *stress* acadêmico.

3 METODOLOGIA

Para poder responder quais os fatores que influenciam no *stress* acadêmico dos estudantes do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da Ufba, foi feita uma pesquisa do tipo quantitativa junto a uma amostra aleatória de 68 estudantes do curso.

Foram selecionadas categorias e variáveis analíticas que buscaram auxiliar na resposta da questão de pesquisa formulada, as quais podem ser vistas no Quadro 1.

Para as análises dos dados foi utilizado o pacote estatístico *Stata* Versão 11, com o qual foi possível estudar os comportamentos das variáveis e realizar testes de qui-quadrado para avaliar a relação entre as variáveis/fatores de estudo e o *stress* acadêmico.

Quadro 1 – Categorias e variáveis de estudo.

Categoria	Variáveis
Dados sócio-econômicos	Idade
	Sexo
	Anos de estudo
	Condição de moradia (com ou sem
	Número de pessoas no domicílio residente
	Chefe da Família
	Renda familiar auto declarada
	Dificuldades financeiras
	Cor
	Estado Civil
	Número de filhos
Desempenho acadêmico	Curso
	Ano de Ingresso
	Semestre equivalente:
	Rendimento acadêmico
	Local de conclusão de 2º. Grau
	Grau de dificuldade encontrada nas
	Satisfação com o curso
	Ocupação atual
Qualidade de vida	Meio de transporte
	Condições de transporte
	Qualidade das condições de lazer:
	Qualidade das relações sociais:
	Qualidade das condições vida afetiva:
	Qualidade das condições da alimentação:
	Realização de atividade física
	Estado de saúde física:
	Relações familiares domésticas
	Auto-estima
	Consumo de álcool ou similar:
	Perspectiva no futuro
	Relações com os colegas de curso
Relações com os professores	

4 RESULTADOS

Dos 68 participantes da pesquisa, estudantes de Engenharia Sanitária e Ambiental, 58% eram do sexo feminino, com idade média 23,5 anos. Cerca de 87% moram com os familiares e 38% vivem em domicílios com 3 a 5 pessoas, com área média de 241m². Aproximadamente, 42% têm o pai como chefe de família e 37% a mãe. Cerca 24% se declaram de cor branca, 52% parda e 22% negra. O estado civil da maioria (62%) é solteiro e apenas 4% são casados. No total, 64% faz estágio ou trabalha.

Dentre os alunos pesquisados, 29% são provenientes de escola pública, 18% vêm de escola pública federal ou do Colégio Militar e 53% de escolas privadas. Cerca de 1,5% dos alunos ingressaram em 1995, 31% entre 1996 a 2007, 35% entre 2008 a 2009 e 19%

encontram-se em fase de conclusão do curso. Aproximadamente, 47% dos alunos estão entre o primeiro e o quinto semestre

O desempenho acadêmico foi avaliado por meio de auto declaração. Cerca de 25% dos estudantes declararam que têm um rendimento escolar entre baixo e muito baixo, 69% acreditam ter satisfatório e 6% muito satisfatório. Para 61% dos alunos o curso oferece um grau de dificuldade médio, enquanto 36% acreditam é que baixo. Cabe observar que no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes de 2008 o curso recebeu nota 4.

A pesquisa demonstrou que existe um bom grau de satisfação com o curso. Aproximadamente, 66% informaram que estão satisfeitos com o curso e 19% muito satisfeito. Cerca de 30% dos estudantes já foram reprovados em uma disciplina, 27% em três e 32% em quatro. Um total de 10% declarou estar com matrícula condicional em face da reprovação em disciplinas. Cerca de 10% dos alunos dizem se sentirem muito incomodados com o nível de cobrança dos professores, enquanto que 40% se sentem satisfeitos quanto à essa questão.

Os resultados evidenciam certo grau de *stress* entre os alunos estudados. Dentre esses, 27% se sentem estressados e 44% dizem estar parcialmente nesta situação. Cerca de 76% das mulheres declararam ter algum nível de *stress* e dentro destas apenas 3,7% disseram que não se sentiram estressados na última semana. Dos que declararam que estavam estressados nesse período, 98% atribuíram grau de *stress* entre médio a alto. Cerca de 29% dos alunos informaram que um episódio de *stress* dura uma semana e outros 11% mais de uma semana. Para 61% dos alunos a qualidade do sono é insatisfatória durante os episódios de *stress*; por outro lado, regularmente, a qualidade do sono de 31% dos pesquisados é considerada pouco satisfatória.

Em média, os alunos ficam 12 horas na Universidade, sendo que o menor número é quatro e o maior 40 horas – neste caso, referem-se aos estudantes que fazem bolsa de iniciação científica.

Estudando as relações entre o nível de *stress* e variáveis sociais, acadêmicas e de qualidade de vida por meio de teste de qui-quadrado *Pearson* ou *Fisher's exact* (quando foi o caso), conclui-se que o estado civil, o semestre equivalente e o consumo de álcool e outros tipo de consumo influenciam no nível de *stress*. Cabe observar que para essa última variável a probabilidade ficou bem próxima da admitida ($p=0,048$). Todas as outras variáveis se mostraram com diferenças estatística não significativas a uma probabilidade $p<0,05$ (Tabela 1).

Tabela 1 – Estudo da relação entre stress acadêmico e variáveis independentes.

Categoria analítica	Variável	Probabilidade pelo teste de qui-quadrado
Dados sócio-econômicos	Idade	Pr = 0.228
	Sexo	Pr = 0.207
	Condição de moradia (com ou sem familiares)	Pr = 0.427
	Número de pessoas no domicílio residente	Pr = 0.501
	Chefe da Família	Pr = 0.241
	Renda familiar auto declarada	Pr = 0.449
	Dificuldades financeiras	Pr = 0.538
	Cor	Pr = 0.658
	Estado Civil	Pr = 0.040
	Número de filhos	*

Categoria analítica	Variável	Probabilidade pelo teste de qui-quadrado
Desempenho Acadêmico	Ano de Ingresso	Pr = 0.169
	Semestre equivalente	Pr = 0.039
	Rendimento acadêmico	Pr = 0.424
	Processo de permanência	*
	Local de conclusão de 2º. Grau	Pr = 0.514
	Grau de dificuldade encontrada nas disciplinas	Pr = 0.396
	Satisfação com o curso	Pr = 0.925
	Disciplinas com reprovação	Pr = 0.360
Qualidade de vida	Ocupação atual	Pr = 0.114
	Meio de transporte	Pr = 0.584
	Condições de transporte	Pr = 0.869
	Qualidade das condições de lazer	Pr = 0.194
	Qualidade das relações sociais	Pr = 0.163
	Qualidade das condições vida afetiva	Pr = 0.057
	Realização de atividade física	Pr = 0.950
	Relações familiares domésticas	Pr = 0.296
	Auto-estima	*
	Consumo de álcool ou similar	Pr = 0.048
	Perspectiva no futuro	Pr = 0.232
	Relações com os colegas de curso	*
	Relações com os professores	Pr = 0.664
	Qualidade do sono	Pr = 0.052
	Horário de almoço	Pr = 0.505
	Horas na Universidade	Pr = 0.126

(*) Não foi possível avaliar a relação entre as variáveis em face de existir células com valores zero.

5 CONCLUSÃO

Os resultados evidenciaram certo grau de *stress* entre os alunos estudados, sendo que entre homens e mulheres, estas últimas se declararam mais estressadas. Não se identificou relação entre idade e nível de estresse, como também em relação à cor declarada ($p > 0,05$).

Dentre os alunos estudados, 19% declararam que passavam por dificuldades financeiras na família, mas este fato não se mostrou significativo em relação ao estresse ($p > 0,05$). Mesmo resultado se obteve para a renda familiar. Cerca de 86% dos alunos consideraram a sua vida em geral satisfatória, não se verificando relação entre essa variável e estresse.

A relação com os professores e colegas, segundo os resultados, não influenciam no estresse entre os estudantes investigados. Dentre os que informaram temer o futuro (26%), 83% se declararam estressados, embora esse percentual não seja suficiente para estabelecer uma relação entre expectativa do futuro e grau de estresse ($p > 0,05$ para teste de qui-quadrado de Fisher). Uma pequena parte dos entrevistados se declarou com auto-estima baixa, embora todos eles tenham registrado que se sentiam estressados. Mas, não foi possível verificar a relação entre essas variáveis (valores com zero impossibilitaram teste de qui-quadrado). A maioria dos alunos que moram com a família se declarou estressados (69%), embora não tenha se identificado relação entre essas variáveis ($p > 0,05$).

A maioria avaliou que o grau de dificuldade do curso é alto ou muito alto (63%), embora não se tenha identificado relação entre essa variável e o estresse acadêmico. Embora 33% dos alunos tenham avaliado que o seu desempenho acadêmico é de muito baixo a baixo, não se verificou relação desse fato com o estresse.

Os resultados revelaram, com certa evidência quando da análise bivariada, relações entre *stress* acadêmico e *semestre equivalente*, *estado civil* e *consumo de álcool*. Para se verificar as correlações entre as variáveis estudadas e o estresse, em seu conjunto, seria necessário avançar para análises multivariadas, a exemplo da regressão logística.

Mas, apesar dos limites de um estudo quantitativo como o aqui desenhado, é possível também sugerir, por meio da vivência e observação do corpo discente, que o *stress* acadêmico tem vínculos com a estrutura emocional de cada indivíduo e sua história de vida, o que, de certa forma, condiciona o tipo e intensidade das respostas às experiências vividas, quer seja no espaço universitário, no trabalho ou nas relações sociais. Assim, pode-se sugerir que as situações e dificuldades vividas no espaço universitário não são diferentes dos outros espaços da vida. O espaço universitário, assim, traz toda a complexidade e desafios de qualquer outro espaço, colocando o indivíduo diante de suas limitações e potencialidades para o enfrentamento das questões que são apresentadas no cotidiano.

Certamente que um conjunto de ações pode vir a contribuir para minimizar o chamado *Stress Acadêmico*, a exemplo do acompanhamento do estudante por professores orientadores; encaminhamento ao Centro Médico para acompanhamento psicológico; estímulo a um ambiente acadêmico que privilegie a solidariedade ao invés da competição; uso de técnicas pedagógicas e de avaliação que considere as diferenças e potencialidades de cada um, dentre outras. Cabe ao Colegiado de Curso manter canais abertos para o debate sobre o tema, além da promoção de avaliações e a adoção de medidas que visem minimizar o nível de estresse no corpo discente e sua interferência na evasão escolar.

6 REFERÊNCIAS

CALAIS, Sandra Leal *et al.* Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de stress em adultos jovens. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 257-263. 2003.

DÍAZ, Mario de Miguel; BLANCO, José Miguel Arias. La evaluación del rendimiento inmediato em La enseñanza universitária. **Revista de Educación**. Madrid, n. 320, p. 353-357, 1999.

FELDMAN, Lya; GONCALVES, Lila; PUIGNAU, Grace Cristina Chacón; ZARAGOZA, Joanmir; BAGÉS, Nuri; DE PAULO, Joan. Relaciones entre estrés académico, apoyo social, salud mental y rendimiento académico en estudiantes universitarios venezolanos. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 7, n. 3, 2008.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

LIMA, Afonso Carneiro. Uma investigação empírica sobre o stress no ambiente acadêmico. **Anais: VII - SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA-USP**. São Paulo: USP, 2004. Disponível em:
http://www.ead.fea.usp.br/semead/7semead/paginas/artigos%20recebidos/RH/RH54_-_Uma_investiga%20emp%20Drico_stress. Acesso em: 13 de mai. 2011.

LUZ, A. *et al.* Stress e percepção do rendimento acadêmico no aluno do ensino superior. In: Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. **Anais: X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2011.

MACHADO, Valéria Garcia de Souza *et al.* Estresse acadêmico. **Argumento**, Jundiaí, n. 15, p. 25-29, 2007.

MONZÓN, Isabel María Martín. Estrés Acadêmico em Estudantes Universitários. **Apuntes de Psicología**, Sevilla, v. 25, n.1, p. 87-99, 2007.

ACADEMIC STRESS: A STUDY WITH STUDENTS OF ENGINEERING AND ENVIRONMENTAL UFBA

Abstract: The paper addresses the issue of academic stress in the course of Sanitary Engineering and Environmental UFba. From survey of a sample of 68 students and studying categorical variables and analysis, the results indicated that there is a level of academic stress, being higher among women. The results showed, with some evidence, relations between stress and academic semester equivalent, alcohol consumption and marital status. But, despite the limits of a quantitative study can also suggest that stress has academic links with the emotional structure of each individual and his life story, which somehow determines the type and intensity of responses to experiences, either in the university area, at work or in social relations. Thus, it can be suggested that the situations and difficulties in the university area are no different from other areas of life. The university area, so bring all the complexity and other challenges of putting the person in front of their limitations and potential for the confrontation of the issues that are presented in daily life.

Keywords: Stress, Academic, Sanitary and Environmental Engineering